

Como a sugestão dos meus contos influi no senso das proporções

Eram quatro horas da tarde no relógio da Navegação. Estava eu à espera da lancha de Salcete que, na falta da outra, me levaria a Piligão. E o calor abrasador desse dia de fim de Maio, passado em Pangim, deixara-me extenuado.

Na Navegação Fluvial, os passageiros impacientavam-se. iam até ao extremo do cais, alongavam a vista para as bandas de Ribandar, e discutiam se seria ou não lancha de Salcete um ponto escuro que se avistava.

Para sacudir a modorra que me ia entorpecendo os membros, levantei-me do banco onde estava e fui, por minha vez, até ao cais.

— Temos de esperar ainda uns bem puxados três quartos de hora, — disse-me o Esteves, que também estava à espera da lancha para seguir para Ribandar.

Cumprimentei-o. Conhecia-o por o encontrar muitas vezes na lancha, nas minhas raras visitas à capital. Era funcionário público e frequentava a repartição, vindo todos os dias da sua casa de Ribandar, aproveitando a carreira de Piligão.

Mas nesse dia o Esteves não estava só. Acompanhava-o uma senhora de porte distinto, olhar inteligente, elegantemente vestida, com uma *toilette* cor de jambulão, resplandecente na sua beleza de mulher de trinta anos.

— Não conhece? — acudiu o Esteves. — É minha mulher.

E, voltando-se para ela, concluiu a apresentação:

— O Sr. J. da S. C.

Fiz-lhe um amável e cerimonioso cumprimento. Ela, porém, franziu o sobrolho e, com um manifesto ar de animadversão, perguntou-me:

— É o Sr. quem escreve os tais *Contos Regionais* para *O Heraldo*?

Fiquei atrapalhadíssimo. Certamente, alguma das minhas críticas a

contos, perde o sentimento das proporções. Confunde os defeitos morais com os físicos, e, na sua imaginação, aqueles lhe aparecem de uma forma tão aterradora! Ora não seja mau! Evite, de futuro, descrever tipos com os defeitos do marido dessa minha amiga.

— Pois então, diga-me que defeitos ele tem, — inquiri, resolidíssimo a fazer-lhe a vontade.

É mentiroso, fanfarrão, intrujão, pedante, petulante, ignorante, intrigante, meliante, — enumerou, contando-os pelos seus lindíssimos dedos.

— Basta, basta, — interrompi, tomado de susto. — Desisto de escrever, para o futuro, mais contos regionais.

* * *

Decididamente, a lancha pregara-nos partida. Encalhara em Combarjua. O ponto escuro que se avistava pelas bandas de Ribandar, tinha-se sumido. Não era a lancha de Salsete.

E o Esteves sem aparecer! E a pobre senhora à espera da lancha e do marido!

Então não tive remédio senão passar uma noite em Pangim, aturar os mosquitos, o calor de fornalha e o arreliante matraquear dos caminhões da "Comissão".

Como não podia abandonar a linda dama à sua triste situação, chamei um carro, metemo-nos nele, e mandámos bater para a loja do Potiot, onde o Esteves fora comprar rendas.

E mal o carro dera volta ao Palácio, ouvimos um berro e reconhecemos a voz do Esteves.

Mandámos, imediatamente, parar o carro e desci à procura do homem.

Encontrei-o no *Parrongo*, a beber vinho branco abafado, em companhia de dois conselheiros.

Quando lá entrei, um deles, razoavelmente bêbado, arrotava a independência das suas opiniões; o outro convidava-me a beber também.

Fui pouco delicado. Respondi, desabridamente, que não tinha tempo

tinha incomodado ou então qualquer das situações ridículas, inventadas por mim, tinha atingido alguém das suas relações.

Achei-me metido numa camisa de onze varas e quis mentir, dizer-lhe que não, era eu o autor das tais histórias... Mas não havia maneira. Lá estava o marido a rir para mim com a boca escancarada, como que dizendo: "Faz o senhor muito bem".

Para me ver livre da entalção, fui franco:

— Parece-me que V. Exa. não gosta dos meus *contos*, — disse-lhe, com sincera contrição.

Então a linda senhora teve pena de mim. O seu semblante, mudando de parecer a meu respeito, tornou-se mais amável. Depois, ofereceu-me um lugar no banco ao seu lado, desembaraçou-se do marido, mandando-o comprar não sei que coisas, e fez-me as suas confidências.

* * *

Na verdade, os meus contos não lhe desagradavam. O que, porém, a desgostava era parecerem-se sempre com pessoas das suas relações os tipos que eu punha em foco. Notava também que os defeitos que nessas pessoas passavam despercebidos, salientavam-se — depois de ridicularizados nas personagens dos contos — de tal forma que as tornavam insuportáveis de petulância, vaidade e parvoíce.

Respondi-lhe que os meus contos não tinham outro fim que não fosse o de apontar defeitos para serem corrigidos.

— De acordo, — tornou a linda senhora, batendo-me amigavelmente no ombro. — Mas há defeitos crónicos, hereditários, incuráveis. Sou amiga de uma senhora cujo marido tem defeitos assim. Essa boa rapariga é muito sugestionável. Quando o Sr. retrata um tipo sabujo, ela começa logo a ver no marido todas as formas de um molosso: grandes caninos a saírem-lhe pela boca fora, a língua pendente, uma cauda a mexer da direita para a esquerda, e até a voz do pobre homem lhe parece um latir cantante de sabujice e servilismo. Quando o senhor mete em cena um tipo asnático a escoucear disparates, lá vê ela no marido crescerem as orelhas, o focinho alongar-se, a voz zurrante, e até tem medo de se aproximar dele, com receio de um par de pinotes. Evidentemente, a pobre rapariga, sugestionada pelos seus

e que ia levar o Esteves à mulher que o esperava. E, segurando o homem por um braço, levei-o para fora até ao carro e entreguei-o à sua cara metade.

Quando me ia embora, despedindo-me do marido e da mulher, esta pediu-me um favor.

— Diga o que é, — gritei-lhe, com muito boa vontade de lho fazer.

— É que, — respondeu, — queria que o senhor escrevesse um conto e lá metesse um conselheiro bêbado.

— Um conselheiro bêbado?! — exclamei, admirado. — Um conselheiro bêbado mete-se mas é no calaboço.

— Se os metessem a todos, seríamos muito felizes, — comentou o amável *Parrongo*, que viera até ao carro, conduzindo o Esteves, que cambaleava...